

Eduardo Knapp/Folhapress

**O classudo Paulinho da Viola**

Divulgação

**Beth Carvalho revelou novos talentos e tornou-se a madrinha do samba**

Roberto Garcia

Carlos Monteiro

**Elizabeth Cardoso e João Nogueira num bloco, em 1980**

Leo Aversa/Divulgação

**Candeia (de boné) numa roda em Coelho Neto (1976)****Zeca Pagodinho, ídolo atual**

Outro ponto alto do período foi o surgimento dos Oito Batutas, grupo formado em 1919 por alguns dos maiores músicos da época, como Pixinguinha, Donga e João Pernambuco. Eles introduziram novas sonoridades no samba, como a utilização de instrumentos de sopro e a influência de outros ritmos como o jazz. A passagem dos Oito Batutas por Paris em 1922 foi um marco histórico para a música brasileira. Enquanto no Brasil a Semana de Arte Moderna acontecia em São Paulo, no outro lado do Atlântico, sete dos oito músicos embarcavam em uma jornada que os levaria a conquistar o público parisiense e a levar o samba para o mundo.

O samba moderno surge no fim da década de 1920, pelas mãos de Ismael Silva e os irmãos Bide e Mano Rubem, que contrapunha o samba tradicional, mais ligado às raízes africanas e rurais, trouxe uma sonoridade mais urbana e dançante, transformando o samba em um dos ritmos mais populares do país. É a introdução do surdo de repique numa batida familiar até os dias de hoje.

Outro sambista de renome do fim da década de 1920 foi Noel Rosa, conhecido tanto por sambas melancólicos quanto por crônicas da vida cotidiana. Dorival Caymmi e Ary Barroso também são nomes importantes na história do samba.

Nas décadas seguintes, principalmente na Era Vargas, marcada pelo nacionalismo e a valorização da cultura popular, o samba se consolida, ganha ares de patrimônio nacional. Compositores como Noel Rosa e Pixinguinha se tornaram grandes nomes da música brasileira, compondo sambas que falavam sobre o amor, a vida cotidiana e as lutas do povo pobre. Além do samba, Pixinguinha consagrava-se como o grande nome do choro. Cartola começava a compor seus primeiros sambas.

Mas o gênero viria a ser “ofuscado” a partir dos anos 1950 com o advento da Bossa Nova, um estilo musical baseado na própria cadência do samba, mas que incorporou harmonias mais sofisticadas, com o sotaque da Zona Sul carioca. Eram tempos de desenvolvimento, a era JK, e o samba passava a ser

visto como uma manifestação do morro.

Apesar da ascensão da bossa nova e de outros gêneros musicais, o samba resistiu e conseguiu se reinventar. O surgimento do movimento negro organizado no país reafirmava o gênero como fator fundamental da identidade e cultura afro-brasileira, passando a ser visto como um instrumento de luta e resistência.

A estética do samba viria a ser abraçada por artistas como Chico Buarque, Elis Regina e Nara Leão (que participou do emblemático espetáculo Opinião, com João do Vale e Zé Kéti, redimensionando a música popular num contexto de oposição ao regime militar).

E as escolas de samba, que já existiam desde a década de 1920, ganharam um novo impulso naquela década. Seus desfiles passaram a ser cada vez mais elaborados e temáticos, abordando questões sociais e políticas e reforçando a identidade negra. O espetáculo tornou-se marca registrada carioca a ponto de se espalhar pelas mais variadas regiões brasileiras.

Nomes como Cartola, Nelson Cavaquinho e Nelson Sargento voltam a ser badalados e inspiram uma nova geração de sambistas como Candeia, Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Clara Nunes, Martinho da Vila, Roberto Ribeiro, Leci Brandão, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Alcione e João Nogueira.

João Nogueira escreve capítulo importante dessa história. Em 1979 -, quando o samba e a própria MPB se viam ofuscado pela música internacional que passava a dominar o rádio, sobretudo a disco music -, ele se junta a Martinho da Vila, Alcione e Beth Carvalho para fundar o Clube do Samba, reuniões no quintal da casa de João no Méier com aquele mesmo espírito das rodas de samba na casa da Tia Ciata. Com o tempo, o Clube do Samba ganhou cada vez mais força e passou a realizar eventos em locais maiores, como a sede do Flamengo, no Morro da Viúva.

Além de grande intérprete, Beth Carvalho teve papel fundamental para a valorização do samba. Descobridora de talentos, a cantora foi responsável por revelar diversos talentos do samba, como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e Jorge Aragão. Ao gravar suas composições, ela deu visibilidade a esses artistas e contribuiu para a popularização do pagode.

Se no passado remoto, o sambista era um cidadão marginalizado, hoje nomes como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Diogo Nogueira (filho de João Nogueira) e Maria Rita (a filha de Elis Regina) têm status de popstar, arrastando multidões em suas apresentações no Brasil e no exterior.